

VIOLÊNCIA, EDUCAÇÃO E AUTORIDADE DOCENTE: REPENSANDO O PROCESSO DE “COISIFICAÇÃO” HUMANA

PACHECO, Cláudia Regina Costa - UFPEL
claudiareginapacheco@gmail.com

Área Temática: Violências nas Escolas:
Complexidade, diversidade e multirreferencialidade

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Compreender a violência como fundamento de um processo de coisificação humana constitui-se no principal objetivo deste artigo. Enfatizou-se, sobretudo, o caráter polissêmico e complexo do fenômeno da violência no âmbito escolar. Aceitou-se o desafio de entender a polissemia do conceito e os problemas de definição do que é realmente a violência. As várias faces apresentadas pela violência raramente se mostram com clareza, fato este que, muitas vezes, impossibilita a análise deste fenômeno. Foi, justamente, nesta perspectiva que foram entrevistadas professoras de ensino fundamental da cidade de Santa Maria – RS com o intuito de promover o diálogo com as diferentes práticas docentes. Na busca por um trabalho de linguagem polifônica, o “dialogar” com as professoras-colaboradoras enriqueceu as análises e possibilitou um repensar sobre as ações e inter-relações no âmbito escolar. Utilizou-se como metodologia a História Oral Temática, aliada a um estudo de cunho de bibliográfico que contemplou as concepções de autores como Albornoz (2000), Velho (1996), Ristum e Bastos (2004), Loureiro (1999), Vinyamata (2005), Freire (1996), Moraes (1995), Gallo (1998), Carvalho (1998), Bauman (2004), entre outros. Compreendendo conceitos e “conversando” com as colaboradoras desta pesquisa foi possível perceber que as dificuldades são muitas, mas o comprometimento precisa ser maior para que se consiga romper com a acomodação, com a passividade e com o “queixar-se”. Nesta caminhada, não existem receitas, modelos e tampouco verdades absolutas, que possam ser ditas perfeitas para solucionar todos os conflitos violentos. Autoridade não é sinônimo de autoritarismo, mas a linha que os separa é bastante tênue. O autoritarismo se constitui em uma dentre as muitas violências sutis que a escola enfrenta. Repensar a autoridade do professor frente a complexidade do campo educacional configura-se numa das principais tarefas docentes diante do fenômeno da violência escolar. Aceitemos, então, este desafio.

Palavras-Chave: Violência; Educação; Autoridade Docente; Escola.

Introdução

Considerada como um dos lugares da exclusão, a violência ao possuir um caráter polissêmico, manifesta-se de distintas formas e, por esse motivo, é caracterizada e denominada de diferentes modos variando de acordo com as concepções de cada autor. Ao se

discutir a violência, faz-se necessário ter como suporte três princípios: ela gera a exclusão; é sintoma da exclusão; e é lugar onde ocorre a exclusão. Diante disso, percebo que o não-pertencimento, a desafiliação e o desenraizamento da sociedade característicos da exclusão se entrelaçam na constituição da violência.

Refletir sobre questões referentes à violência e, por conseqüência, sobre a não-violência na escola, configurou-se na busca de uma superação para o discurso banalizado sobre a violência, visando à construção de uma Cultura de Paz. Aliado a isso, tem-se a necessidade de indignar-se diante da violência, que se constitui em um dos principais desafios a ser enfrentados pela docência.

Nesse sentido, apresento, nesse artigo, algumas constatações obtidas a partir de estudos que venho realizando sobre o fenômeno da violência, sobretudo no âmbito educacional. Enfatizo a contraposição Violência x Não-violência, na qual discuto as diferentes significações do termo. Trago, além disso, algumas reflexões no que tange a autoridade docente, bem como o autoritarismo na escola. Diante disso, apresento algumas falas de professoras do ensino fundamental de escolas da cidade de Santa Maria que me auxiliaram na análise da realidade escolar, dando seus depoimentos em entrevistas semi-estruturadas. Núria, Vanda, Carolina e Jéssica foram os pseudônimos dados às professoras que se dispuseram a refletir comigo sobre a temática da violência.

No desenrolar desse texto, as falas dessas professoras foram sendo utilizadas como forma de dialogar um pouco com as diferentes práticas docentes. Na busca por trabalho de linguagem polifônica, o “conversar” com essas professoras enriqueceu - e muito - a minha investigação, assim como enriquecerá a minha atuação e a atuação delas, pois ao discutirmos, (re)pensamos nossos fazeres.

Violência na escola e o processo coisificação humana

Opondo-se a ética, ao tratar seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e liberdade, como se fossem coisas, a violência tem como fundamento a coisificação do humano, marcada pela discriminação, humilhação e passividade. Tendo sua origem no latim *violentia*, a palavra violência tem seu significado associado à “violação, dilaceração, despedaçamento, agressão, desordem, além de aludir a uma quebra, ruptura de um tabu, ultrapassagem de um limite, transgressão de uma proibição, indo até a idéia de abuso de um

corpo, falta de respeito, etc” (ALBORNOZ, 2000, p.13). Comumente, a violência está relacionada ao campo físico, porém, pelo que se sabe, a violência vai além do meio físico, pois se refere também a “um constrangimento moral, a uma coação” (FERREIRA, 1986). Sob essa ótica, percebo uma outra face da violência que estaria relacionada ao campo simbólico.

Pelo que se observa raramente a violência simbólica é percebida no dia-a-dia escolar, embora ela muitas vezes apareça, a violência física é mais aparente. “A violência física foi se rotinizando, deixando de ser excepcional para se tornar uma marca do cotidiano” (VELHO, 1996, p. 17). O temor, de certa forma, é maior em relação ao físico, ainda que se saiba que marcas profundas podem ser deixadas pela violência simbólica. Nesse sentido, constato que a violência sutil é aceita na escola como algo normal e a tarefa de desvelá-la se faz cada vez mais necessária.

A violência configura-se num fenômeno complexo e, por esse motivo, abrangê-lo como um todo se torna uma tarefa difícil. Sua complexidade se deve, essencialmente, a quatro aspectos: a polissemia de seu conceito e os problemas de sua definição; a controvérsia na delimitação do objeto da violência; a quantidade, variedade e interação de suas causas e, por fim, a falta de consenso sobre a sua natureza (RISTUM & BASTOS, 2004). As várias faces da violência que, na maioria das vezes, não se mostram com clareza impossibilitam a análise em profundidade do fenômeno, permanecendo sombreada, ofuscada por causas mais explícitas que desviam a atenção de quem as observa.

Loureiro ressalta que a “violência, em nossos dias, sai da sombra, ou é a própria sombra que aflora, emerge do individual e do social, sem deixar de ser sombra e passa a ser um fenômeno real, visível em seus estardalhaços ou subliminar, subjacente às regras, normas, etc.; está em todo lugar; invadiu, ou explodiu nos lares, bares, hospitais, igrejas, etc; e as escolas, a ela, não ficaram imunes” (1999, p.54). Para a autora, nem só de fora a violência chega à escola. Ela explode também de dentro para fora, na pedagogia adotada, nos princípios propostos, na maneira de propô-los e buscar a concretização, na ausência da alteridade, etnocentrismo e furor pedagógico.

Concordo com Loureiro quando ela afirma que

O que fica patente é que a violência não surge só de fora, nem só de dentro da escola, do estabelecimento de ensino-aprendizagem, da comunidade de aprendizagem, mas também da organização do sistema educacional, do anacronismo de suas ações, da incapacidade atual de propor estruturas para formar para este mundo, para esta era, e de ver o erro, a falha com outros olhos. Isto, já em si mesmo, é um fato violento, uma violência contra o indivíduo e contra a sociedade (1999, p. 55).

Essa mesma autora se utiliza da teoria da complexidade de Edgar Morin para nos esclarecer que a violência, a falha, o erro, a transgressão, instauram uma nova ordem, desequilibram ordenamentos anteriores, cristalizados e impõem à reorganização, podendo promover a união de contrários, que passam a ser concorrentes. Ela defende a tese de que

a organização engessa a liberdade diminuindo a concretização pessoal e individual dos sonhos, das “pulsões interiores” e exerce sobre o homem, em nome da disciplina e da ordem, a “pressão externa”. Esta pressão crescente ou exagerada pode gerar a violência, a transgressão. Convém, no entanto, também considerar que estando a violência em todos os lugares, ela nos desconcerta e nos toca por seus estrondos, nos ensurdece por gritos ininteligíveis e por suas pressões cotidianas que nos esmagam, anulam, espremem, pressões fatigantes que nos estressam (1999, p. 55-56).

Com base nesses pressupostos, observo uma grande questão que se sobressai: seria a violência algo inerente à essência humana? Muitos autores já se questionaram e ainda se questionam sobre essa grande indagação. O que cabe deixar bem claro é que a violência constitui-se num dos mais significativos fenômenos sociais que a história nos registra. Sua polissemia, ambivalência e heterogeneidade nos perturbam e nos questionam, fato que nos impulsiona a buscar cada vez mais respostas.

Na pesquisa foi possível constatar que a violência aparece cada vez mais no cotidiano escolar, fato este que preocupa muitos professores, que buscam alternativas para amenizar o problema. Aparentemente, a violência mais citada pelas professoras-colaboradoras foi aquela que se dá na relação aluno-aluno. Percebi, porém, que no decorrer das falas, a violência professor-aluno foi se delineando. Foram constantes os relatos referentes a agressões, um exemplo disso pode ser visto na seguinte fala

Aqui existe muita violência. Nas outras turmas e também nas minhas. Eles - os meus alunos - se agredem muito. Eles... um mexe com outro e... pega e já coloca a mãe no meio e, aí eles não gostam. E, aí eles partem para a agressão mesmo, eles vão para cima e tu não consegue apartar, nem dá para apartar, pois se tu vai apartar, tu também se arrisca a levar um ... porque eles não te obedecem, eles não te ouvem na sala, então aqui existe muita violência. (Núria - professora de escola pública municipal)

Na fala da professora Núria muitos elementos se sobressaem dentre eles escolhi três aspectos. O primeiro diz respeito ao colocar a “mãe no meio”, as ofensas, as “brincadeiras” que os alunos fazem entre si. Nesse sentido, Vanda também colabora com seus relatos sobre sua turma de alunos.

Eles se agrediam muito fisicamente por... Sem querer, tudo era sem querer, mas sabiam que queria e depois aí vinha à violência com palavras. Um nome disso, um nome daquilo, apelidos... (Vanda - professora de escola particular confessional).

Percebo novamente as situações de agressão e vitimização entre alunos, o chamado *Bullying* - que será discutido na sequência. O segundo aspecto que ressaltado do depoimento da professora Núria e que aparece também no relato da professora Vanda se refere a toda a situação de conflito estabelecida. Nesse sentido, faz-se pertinente refletir um pouco sobre a questão dos conflitos e sobre a dificuldade que os professores têm para trabalhar com os conflitos.

O conflito é um processo natural da sociedade e um fenômeno necessário para a vida humana, podendo ser um fator positivo para a mudança e o crescimento pessoal ou um fato negativo de destruição, dependendo da forma de regulá-lo. O conflito não é bom, nem mau, simplesmente existe. Nessa dimensão, não se pode confundir conflito com violência. Ambos estão relacionados entre si, mas, de forma alguma, podem ser considerados sinônimos. O que caracteriza o primeiro é a interação de duas partes que têm propósitos incompatíveis, enquanto que a violência é o uso da força por uma das partes (ou ambas) na resolução do conflito (VINYAMATA, 2005).

Existindo os conflitos independente da vontade do professor, este precisa estar atento para buscar alternativas para solucionar o problema. Vinyamata auxilia nessa discussão, afirmando que “as intervenções durante os conflitos consistirão, basicamente no

desenvolvimento de processos pedagógicos, de negociação, mediação, arbitragem ou tratamento utilizando os recursos adequados” (2005, p.15).

Diante das memórias das colaboradoras puder notar o quanto as experiências escolares deixam marcas na vida dos educandos. Tais marcas, de acordo com elas, influenciam nos seus fazeres docentes. Outro aspecto que se destacou, neste contexto, refere-se às representações da atuação docente que vão sendo construídas ao longo das trajetórias das colaboradoras.

Faz-se importante ressaltar que a imagem do aluno quietinho, disciplinado, um bonequinho sem voz, muitas vezes, ainda persiste no imaginário docente, mesmo que muito se fale e se coloque nos mais diversos planos e projetos a preocupação com a formação de alunos críticos e dinâmicos. Muitas vezes, estes são rotulados como indisciplinados por não obedecerem as regras e normas da escola. Normas estas que requerem um aluno disciplinado, comportado, dócil e submisso. Foi nesse sentido que Foucault (1991) questionou: Por que ainda nos admiramos que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais e que todos esses se parecem com prisões?

Analisando por essa dimensão, claramente se pode ver o disciplinamento e a submissão como palavras-chave tanto para as escolas como para as prisões. Corrêa (2000) em seu texto “O que é escola?” defende um pouco da idéia trazida por Deleuze de que as crianças podem ser vistas como prisioneiras. O autor destaca a passividade, o conformismo e a acomodação que, muitas vezes, fazem parte do cotidiano escolar.

Acredito que frente a todo esse contexto de crise, de indignação, o comprometimento docente, bem como o uso do diálogo surgem como duas das muitas alternativas para se estar (re)pensando que escola, que professores e que alunos temos e que escola, que professores e que alunos queremos.

Ressalto a questão do diálogo, uma vez que este se apresenta como minimizador da violência. O diálogo, nessa perspectiva, constitui-se na boa vontade para a compreensão mútua, podendo chegar ao ápice do encontro humano. Seu fundamento está na generosidade que, na sua origem, associa-se a “capacidade de encontrar, no outro, alguém que como eu faz parte do gênero humano. Alguém de direitos e deveres, de alegrias e sofrimentos” (MORAIS, 1995, p. 74).

Para que haja uma construção efetiva da paz não devemos apenas estar no mundo, mas também como o mundo (FREIRE, 1996). Precisamos nos enxergar como seres atuantes. Indivíduos que não estão apenas presentes no mundo, pois somos forças geradoras e somente

através das nossas iniciativas, baseadas na fé no potencial de cada um e de todos em mudar sua realidade e a realidade social, é que iremos criar um mundo onde possamos viver como verdadeiros seres humanos.

Acredito que a construção de uma Cultura de Paz na escola seja necessário um refletir constante sobre a violência, assumindo o conceito de não-violência, desenvolvendo a educação para a paz como um meio de superar a violência. Construir uma Cultura de Paz na escola é pensar em alternativas para a superação da violência cotidiana. Nessa perspectiva, busca-se o exercício de uma nova compreensão de Paz baseada mais na positividade do que na negatividade, mais na construção do que num estado. Pensar na Paz multiculturalmente, como realidade intersubjetiva, como algo coletivo, comunitário. Assim, Paz não pode ser associada à passividade, mas sim a uma constante luta, esforço e comprometimento.

Bullying: nos limites da intimidação e do medo

Dentro de uma análise da violência no cotidiano escolar um aspecto que merece destaque se refere ao fenômeno do *Bullying*. Cunhado na Inglaterra, em meados da década de 80, o termo *Bullying* é frequentemente utilizado por não existir uma palavra na língua portuguesa capaz de expressar todas as suas situações possíveis, relaciona-se a algumas ações que podem estar presentes tais como: colocar apelidos, fazer sofrer, agredir, ofender, discriminar, bater, zoar, excluir, chutar, gozar, isolar, empurrar, ignorar, ferir, sacanear, intimidar, roubar, humilhar, perseguir, assediar, quebrar pertences, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, etc.

Muito mais freqüente que a violência física, a violência verbal se insere no espaço escolar, mesmo que na maioria dos casos venha de modo camuflado. Tal violência é destacada ainda pela professora Jéssica:

[...] na oralidade as crianças se agredem muito. Um fala lá uma brincadeira: 'Ô seu bobinho!' Ai o outro já vem, já xinga: 'Se eu sou bobo, tu é idiota, seu bobalhão! Pára ai, por que tu me chamou bobinho? Para fazer uma brincadeira contigo!' Daí tu vai esclarecer o problema, quando tu pega as duas crianças e pergunta o que foi que aconteceu, aí eles vão te relatar: 'Ai eu falei isso aí, professora, eu só bati no ombro dele, chamei de bobinho, brincando'. Aí o outro fez toda aquela agressão. Então não era motivo. Então eles chegam à conclusão que não era motivo. 'Ah, então tu me desculpa!' Mas já falou, não é? Eu acho que as palavras, elas são pesadas. Eu até não sei se muitas vezes a palavra não fere mais do que uma agressão física.

Principalmente nessa idade, eles estão em desenvolvimento ou que eles não entendem bem o que é uma palavra. De que maneira aquela palavra quis xingar. Se é um meio gordinho, a primeira coisa é: ‘Ô seu gordão!’... ‘Por que tu me chamou de gordão?’ Ah porque ele me chamou de idiota. Então eu acho que assim, nós aqui... a maior violência que eu sinto é da parte da oralidade, a fala deles, as palavras pesadas que muitas vezes eles usam com os colegas e nem sabem o que é (Professora de escola pública municipal).

Observo na fala da professora como desde as séries iniciais essas situações de violência vão se proliferando. Ressalto a questão dos preconceitos que desde cedo já vão sendo experienciados e que, muitas vezes, por pensarmos que são “brincadeiras” de criança, vão sendo deixados de lado sem termos uma maior preocupação.

As palavras, com certeza, em muitos casos, ferem mais do que as agressões físicas, por esse motivo ela se preocupa tanto com essa violência dita verbal. As ofensas, os xingamentos sem motivo ferem muito os seus alvos. Tais alvos são caracterizados pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência) como pessoas ou grupos que são prejudicados ou que sofrem as consequências dos comportamentos de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si.

Marcados por um forte sentimento de insegurança os alvos ou vítimas são, na maioria das vezes, impedidos de solicitar ajuda. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento.

Ser chamado de “bobinho, bobalhão, idiota ou gordão” conforme afirmou a professora Jéssica, fere tanto quanto ser agredido fisicamente. Em consequência disso, surgem os baixos desempenhos escolares, as resistências em ir para a escola, as trocas de escola, ou até mesmo o abandono dos estudos. Para não falar em casos mais extremos que a situação de *Bullying* pode levar até as tentativas ou, propriamente, os suicídios. Saliento que, de acordo com a ABRAPIA, o *Bullying* é um fenômeno mundial, que pode ser encontrado em todas as escolas, em todos os níveis de ensino.

Loureiro (1999, p. 58-59) ao relatar suas pesquisas sobre a violência destacou que em uma das escolas que visitava o diretor dizia que “na minha escola não há violência”. “Há um tempo atrás aconteceram casos de violência aqui na escola, no curso supletivo noturno. Hoje não temos mais a presença da violência”. Mas como o senhor conseguiu esta proeza? “Extinguindo o curso supletivo da escola.” Diante da fala do diretor, a autora recorda uma anedota de um pesquisador que estava provando não existir um tipo de pedra em determinada

região e que em certo dia encontra essa pedra. Não teve dúvidas, continuaria afirmando a não existência de tal tipo de pedra naquele local: empurrou a pedra precipício abaixo, fazendo-a desaparecer. Tal anedota se associa a problemática da violência, não podemos apenas empurrar as pedras indesejadas do caminho, mas precisamos encarar o problema e procurar alternativas e possibilidades de resolução.

Professores Autoritários X Autoridade Docente

Ao se discutir a questão da violência na escola, um tema que se relacionou e se definiu como uma forma de violência foi o autoritarismo. Autoritarismo este, presente em quase todos (para não dizer em todos) os espaços sociais. Aliado à competição, ao triunfalismo e ao conformismo, o autoritarismo legitima que uma minoria exploradora domine uma maioria explorada. Sob a ótica de uma psicologia da dominação, o autoritarismo seria uma psicopatologia social em que as funções da autoridade se encontram invertidas (DIAS, 1999). Para muitos pesquisadores o autoritarismo seria considerado como uma doença da autoridade.

Neste trabalho, busquei relacionar o seu sentido com a palavra *autoria*, uma vez que autoridade deriva etimologicamente da *autoria* (CARVALHO, 1998), sendo os professores também autores de tradições, valores, conhecimentos, práticas e saberes que são heranças públicas preservadas por uma sociedade. Diante disso, o professor se configura num agente institucional que inicia os jovens nesses valores, nesses conhecimentos e tradições.

Concordo com os autores Gallo (1998) e Carvalho (1998) quando estes relacionam o termo autoridade com o vocábulo autor (GALLO, 1998/ CARVALHO, 1998), no sentido de ser aquele que cria. Se a educação é entendida como um processo de inserção de cada indivíduo no universo da cultura humana, ou seja, aquilo que faz de nós plenamente humanos, então a educação é um processo de *crescimento*, um *aumento* da humanidade de cada indivíduo. Com isso, percebo que todo professor é alguém que faz aumentar a humanidade naqueles com os quais se relaciona. Logo, todo educador é um criador e, portanto, um *autor*.

Ao questionar as professoras, colaboradoras da pesquisa, sobre os significados da autoridade e do autoritarismo, pude observar que as respostas, em sua maioria, foram bastante semelhantes. Na perspectiva das professoras, autoridade e autoritarismo são elementos distintos, sendo autoritarismo bastante criticado por elas.

Considerado como uma imposição, o autoritarismo visto pelos professores remete a um ponto de vista filosófico, pelo qual o autoritarismo se moveria segundo os princípios de que uma verdade existe e que a pessoa por meio da razão poderia conhecê-la, conhecendo-a, em alguma medida tal verdade se estabelece. Estabelecida a verdade, não há espaços para modificá-la, logo tem-se o caráter impositivo do autoritarismo.

A partir destes depoimentos muitos aspectos sobressaem, dentre eles pode-se destacar a necessidade de se conhecer a realidade dos alunos e da comunidade com a qual se está trabalhando como uma forma de combater o autoritarismo. Autoritarismo este, visto nas pequenas ações, um autoritarismo do dia-a-dia, que se estabelece nas relações interpessoais, principalmente na relação professor-aluno, baseado na dominação, submissão, coerção, imposição e manipulação.

Em um dos relatos da professora Núria percebi a questão da obediência dos alunos e da imposição por parte dos professores. Os alunos vistos como fantoches são manipulados para que fiquem quietos, sem se mexer, soterrados de proibições. Aliado a isso, está o “despejar” de conteúdos, sendo que muitas vezes, os professores nem sabem para quê estão trabalhando aqueles conteúdos. A formação humana fica, nestes casos, para segundo plano, para que todos os assuntos sejam desenvolvidos.

Observo que a “falta de disciplina das crianças”, muitas vezes, está associada a idéia de que as crianças não ficam mais quietinhas, logo, são indisciplinadas. Nesse sentido, novamente, tem-se a presença do conflito e a perspectiva anteriormente discutida de que os professores não estão preparados para a resolução de conflitos. Na maioria das vezes, o que se percebe é um abafamento dos mesmos, sem se pensar em alternativas mais eficazes de resolução.

A partir das leituras e da análise dos relatos das colaboradoras constato que a linha que separa a autoridade do autoritarismo é muito tênue e talvez, neste ponto, esteja o porquê da confusão entre os termos. O polimorfismo da autoridade e do autoritarismo leva, muitas vezes, a autoridade, erroneamente, a constituir-se numa modalidade de autoritarismo.

Neste estudo, pelo contrário, busquei trabalhar no sentido de uma Autoridade do Contrato, estabelecida por Morais (1986), pela qual a autoridade nasce do encontro de partes que se respeitam. Seria, no caso deste estudo, um contrato firmado pelo professor e pelo aluno, não havendo imposição de regras ou normas. Estas últimas seriam construídas, visando sempre o bom desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem.

Diante da complexidade do campo educacional, da incerteza e dos riscos enfrentados a partir de crises de sentido da vida contemporânea, (re)conhecer e restabelecer a autoridade consciente do professor se constitui numa possibilidade de amenizar a violência escolar, dando referências aos alunos. Nessa perspectiva, fazem-se necessários o diálogo, a conscientização e a participação ativa, trabalhando-se os valores de responsabilidade, comprometimento e coerência.

Frente a isso, uma autoridade segura de si não precisa se auto-afirmar a cada instante, ela é estabelecida a partir da competência e da generosidade profissional, visto que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor. A busca por uma autoridade coerentemente democrática se dá no reconhecimento de uma eticidade da presença humana no mundo. Nesse sentido, tornam-se inseparáveis o ensino dos conteúdos e a formação ética dos educandos (FREIRE, 1996).

Acredito que o professor precisa ter consciência de toda a passividade, conformismo e acomodação que fazem parte do âmbito escolar. Ter consciência também de todas as influências autoritárias que fazem parte da realidade e do sistema do qual se faz parte. Ter em mente o autoritarismo que vem de diversas formas sendo impregnado na sociedade. Para a partir disso, não recair em queixas, mas lutar para que esse espaço possa ser transformado. Aprendendo a partir dos conflitos, sendo consciente e comprometido com a sua prática, tenho a convicção de que será possível (re)ver o conceito de autoridade, não associando à imposição e à obediência, mas buscando alternativas para ações livres.

(In)Conclusões

Discutir os significados da violência, da educação e da autoridade docente, assim como as diferentes maneiras em que eles se apresentam, constitui-se no próprio (re)pensar sobre a práxis docente, uma vez que esta, direta ou indiretamente, estará sofrendo influências destes elementos. Aliado a isso, está um refletir sobre o relacionamento humano, frente à insegurança e à fragilidade dos vínculos humanos identificados num mundo moderno cada vez mais *líquido*. Bauman (2004) evidencia os riscos e as ansiedades de se viver junto, diante do conflito entre o apertar e o deixar frouxos os laços humanos, que se apresentam cada vez mais descartáveis.

Nessa perspectiva, concordo com a citação de Loureiro ao afirmar que

Na ânsia de extinguir do planeta a violência que incomoda, desorganiza, assusta e vem ceifando vidas, horrorizando com a presença, em si, da monstruosidade, do ainda não entendido, da frustração do não-sucesso no combate, da arrogância da presença em todos os lugares, da imprevisibilidade quanto a seu surgimento, estratégias contra ela são elaboradas e levadas a cabo, mas é preciso reconhecer na violência sua fonte real, sua origem. Sem raiz cortada, ela pode novamente e sempre brotar, para desgosto de todos nós. Como expressa Giegerich (1979), na violência cega algo pretende ter, e em altos brados, a palavra e quer ser ouvido, mas nós, educadores, não estamos sabendo entender, decodificar o pedido de socorro da sociedade que quer ou precisa mudar, inscrito nas mensagens desagradáveis, imbutido nos gritos dissonantes que ainda só identificamos como violência, que ressoam desusados, sem harmonia, diferentes do até aqui e agora aceito em nossas escolas (1999, p. 59).

Precisamos escutar as falas e também os silêncios, desvelando nossa realidade. Além da escuta, o diálogo apresenta-se como grande aliado nessa caminhada. Conforme observei anteriormente tendo por pressuposto a obra de Vinyamata, precisamos fazer as pazes com o conflito, atrevendo-se a ter conflitos. Seria ingênuo procurarmos receitas para a erradicação total da violência, mas tenho a convicção de que se faz urgente a busca por alternativas para a sua superação mesmo que parcial. O comprometimento docente faz-se mister nesse processo que não deve ser pensado em a curto prazo, mas sim em espaços de tempo duradouros que contemplem todo um contexto de formação humana.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência). **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre estudantes**. Disponível em: <http://www.bullying.com.br/bconceituacao21.htm> Acesso em 29/01/2006.

ALBORNOZ, Suzana. **Violência ou não-violência: Um estudo em torno de Ernst Bloch**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CARVALHO, José Sérgio F. de. Apontamentos para uma crítica das repercussões da obra de Paulo Freire. In: **Cadernos de História e Filosofia da Educação**, Vol. II, Nº 4, p.23-33, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. A história da violência nas prisões. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALLO, Sílvio. **Educação e Liberdade**. In: Encontro de Educação Libertária: textos, UFSM, 02 a 04 de dezembro de 1998; coord. Prof. Francisco Estagarriba de Freitas, Prof. Guilherme Carlos Corrêa - Santa Maria: UFSM, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino, 1998.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. Violência: paradoxos, perplexidades e reflexos no cotidiano escolar. **Revista Interface - Comunic, Saúde, Educação**. V. 5. Agosto, 1999. Disponível em: <http://www.interface.org.br/revista5/ensaio4.pdf> Acesso em:23/03/2007.

MORAIS, Regis de. **Sala de aula: que espaço é esse?** Campinas, SP: Papyrus, 1986.

_____. **Violência e Educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio-Roger & MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na Era Planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

RISTUM, Marilena & BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. In: **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 09, nº 01. Rio de Janeiro: ABRASCO (Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva), 2004.

VINYAMATA, Eduard. **Aprender a partir do conflito**. Conflitologia e Educação. Porto Alegre: Artmed, 2005.